

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
ANÁLISE DE ELEMENTOS ESTRUTURAIS
LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
DE AVES DE ARRIBAÇÃO, DE ANTÔNIO SALE

Kilpatrick Campelo (UFC)
kilpatrick@uol.com.br

BIOBIBLIOGRAFIA

Natural de Parazinho, localidade da então vila de Paracuru, do dia 13 de junho de 1868. Faleceu em Fortaleza, no dia 14 de novembro de 1940. Viveu, portanto, 72 anos. Trata-se de personalidade de extremo relevo para a literatura cearense, e, para se fazer justiça, brasileira. Integrou, de modo desigual, as duas grandes agremiações literárias cearenses do final do século XIX e início do XX, ou seja, o Centro Literário, do qual também fizeram parte os assim chamados plumitivos como Pápi Júnior, Oliveira Paiva e Adolfo Caminha (este último literato de projeção nacional), e a célebre Padaria Espiritual (movimento literário que, por seu caráter reivindicador de reflexão aborígine e provocador, assemelhasse, precursoramente, *mutatis mutandis*, à incensada Semana de Arte Moderna, de 1922), da qual foi o idealizador e na qual atuou como um dos principais padeiros, com suas irreverentes fornadas (sessões literárias)²⁶. A despeito do viés nitidamente chacoalhante, mormente para a cultura literária local, dos encontros promovidos pela Padaria Espiritual, não havia o intento cáustico de romper iconoclasticamente com a tradição literária, tanto é assim que o autor, em sua produção em verso, é considerado poeta parnasiano, em termos formais e temáticos. Não aderiu, acresça-se a propósito, adrede, ao modernismo, segundo Colares (1979, p. XIII).

Como outros autores cearenses de então, foi amanuense, atuando como Secretário do Interior e Justiça, e também servidor público político, elegendo-se deputado. Viveu na então capital federal, o Rio de Janeiro, onde conviveu com grandes literatos, entre os quais Machado de Assis, o qual, debalde, insistiu para que ele integrasse a então recentemente fundada Academia Brasileira de Letras, em 1897 (Colares, 1979). (a Academia Cearense de Letras é de 1894). A modéstia acentuada impediu-o

²⁶ Seu pseudônimo era Moacir Jurema. Acredita-se que o emprego de pseudônimos era devido puramente ao modismo.

de compor a instituição ao mesmo tempo cobiçada e repudiada por escritores de todo jaez²⁷.

É digno de nota que não era autor afeito às conveniências políticas, vez que sua obra, em geral, retrata, criticamente, a tessitura da desde sempre injusta sociedade cearense. Mostrou-se, à guisa de ilustração, como jornalista, grande crítico da oligarquia Acioly, que dominou a política cearense na primeira década novecentista. A obra em tela, conforme teremos oportunidade de verificar, é prova do que afirmamos.

Trata-se, em relação à sua produção, de autor polígrafo. Observe-se:

- **Poesia:** *Versos diversos* (1890), *Trovas do Norte* (1895), *Poesias* (1902), *Panteon* (1919) e *Minha Terra* (1919), póstumos *Águas passadas* e *Fábulas Brasileiras*, de 1944;
- **Livro de Memórias** – *Retratos e Lembranças* (1938);
- **Romances** – *Aves de Arribação*(1914) e *Estrada de Damasco*, obra inconclusa.

ELEMENTOS ESTRUTURAIS

Personagens

Quanto à centralidade

Nucleares: porque compõem o triângulo amoroso central do romance, destacam-se os seguintes

o **Alípio** – o bacharel de Direito assume o posto de promotor da cidade de Ipuçaba com apenas 24 anos. Mostra-se grande orador, mas não muito interessado nas querelas políticas locais, para a frustração daquele que o nomeou, o tenente-coronel Francisco Herculano. Profissionalmente, tem ambições muito maiores e aceitara a nomeação apenas para aceder a um desejo de seu tio benfeitor, Padre Balbino. Para este, o sobrinho bem poderia ficar por Ipuçaba e desposar a filha de Asclepiades. Não era, no entanto, o intuito do bacharel Alípio Flávio de Campos. Por ser ambicioso, a permanência em uma cidade interiorana lhe parecia insuportável. Fisicamente (p. 27) é descrito como in-

²⁷ Outros grandes escritores, como Graciliano Ramos, Monteiro Lobato e Lima Barreto, jamais ingressaram na ABL. O primeiro sempre torceu o nariz para a instituição; o segundo não chegou a propor candidatura; o último foi candidato três vezes.

divíduo bem apessoado, capaz de arrancar elogios gratuitos de mulheres que o vissem transitar pela cidade (p. 47). Socialmente era muito prestigiado. Não era cobiçado, inicialmente, por aquela que lhe fora arranjada como noiva, Florzinha. Frequentava, por desfastio, as recepções a que era convidado. Não tinha ninguém em alta conta. Provocava-lhe a noiva, vez que se apercebera de seu desinteresse por ele. Seus sentimentos abrandam apenas quando é acometido por uma sezão, que o leva ao sertão para a convalescença. Lá, concilia-se com Florzinha e chega mesmo a cogitar a possibilidade de permanecer pela cidade. Encantou Bilinha, com a qual se afinava em razão dos debates intelectuais. Não refreia, no entanto, seus impulsos de conquistador, referidos ao longo do livro, e, sem especular muito sobre as repercussões de seu ato, deflora Bilinha. A situação se resolve com a chegada do comerciante, Januário, que a desposa. Não demonstra muito pesar pela situação vexatória em que deixa Bilinha. Parte para a capital, sem deixar definida a data de regresso. É, em suma, adepto de teses darwinóides, bacharel ambicioso, beletrista, pragmático em termos políticos (apoia dor dos mais fortes), mas também um supersticioso.

O **Bilinha** – Professora pública primária, filha de uma prostituta, a Maria Lina. Traçada como mulher fisicamente atraente e economicamente desfavorecida, sofreu, durante toda sua vida, assédio de diversa natureza de vários pretendentes (p. 30). Conhece Alípio no jantar de recepção, na residência de Chico Herculano, o herdeiro do primeiro oligarca do local, o Coronel Herculano. Passam a encontrar-se constantemente, em sua residência, à noite, para jogar bisca, juntamente com os vizinhos. Aparenta controle sobre suas emoções, conquanto, quando devaneia, deixe-se enovelar por desejos de entrega do promotor. A mãe, ciente do desfecho das idas do promotor à sua casa, não intervém em favor da filha. Ao contrário, ansiosa pela oportunidade de vingar-se de seu desprezo e de sua indiferença, aguarda a queda de Bilinha. A entrega a Alípio muda a relação entre mãe e filha substancialmente. A mãe ameaça tornar pública sua nova situação como mulher, caso não mude o tratamento que lhe dispensa. Alípio não define a situação e ela não se sente capaz de desvencilhar-se dele. Para sua felicidade, aparece um interessado em casar-se com ela e ir-se embora de Ipuçaba. O casamento é uma solução alvissareira, ainda que seja com um homem sem a mesma estatura intelectual de Alípio, com o qual gostava de discutir assuntos intelectualmente elevados. A reputação de Bilinha, em geral, não era boa. Era tida como mulher afetada e pedante por causa

de seus modos urbanos (gestos, vestimenta e registro lingüístico) (p. 30). Circulavam também boatos de que cairia nas mãos do promotor.

- o **Florzinha** – Moça traçada como muito bonita e púbere. É prometida a Alípio, a princípio, a contragosto, o que lhe provocou momentos de aflição, partilhados exclusivamente com a mãe. Asclepiades, um provinciano aspirante a cidadão bem-situado, decidiu, em acordo com o Padre Balbino, casá-la com o promotor Alípio. Aceita o casamento e, lentamente, convence-se de que não há outra saída, principalmente quando o homem por quem nutria interesse desposa sua prima, o poeta Matias. Abandonada, fica à espera sem definição de regresso de seu prometido noivo.

Secundários

- o **Matias de Araújo** – aspirante a poeta e desprovido de recursos materiais, perambulava pela cidade à cata de convívio com os homens de prestígio. Tinha péssima reputação na cidade (p. 37). Era tido à conta de vagabundo e aluado. Tinha interesse por Florzinha, mas não alimentava ilusões quanto à possibilidade de desposá-la por sabê-la prometida ao promotor. Ademais, Asclepiades mal o tolerava, ainda que lhe louvasse os dotes literários. A chegada de Alípio representa-lhe uma melhoria quanto à vida de relação, pois partilha muito da vida privada do promotor poeta, autor do livro de versos intitulado *Pingentes*. É considerado um fraco, porque, conquanto ciente da condição de penúria de sua mãe, único arrimo da família após o falecimento do pai, nada faz para contribuir positivamente para ajudá-la. Casa-se com a prima de Florzinha.
- o **Asclepiades Oreste de Aconcágua Pinto** – o nome já apresenta a aspiração por distinção, característica de gente provinciana. Seu maior empenho é casar a filha com a respeitável figura do promotor, o sobrinho de padre Balbino. A descrição física aparece na pág. 168. É malquisto na cidade por causa de sua empáfia e incansável busca de importância e distinção. A descrição de seu perfil psicológico aparece à página 17. Já tinha tido contato com Padre Balbino, em Maranguape, onde lhe batizara os três filhos. Aspirante a pracioneiro, revelava menosprezo relativamente aos ipuçabenses. É, profissionalmente, o coletor da cidade.

- o **Dona Claudina** – mulher de Asclepiades representa a submissão em pessoa, “*protótipo da matrona brasileira*” (p. 28). No entanto, deixa claro ao marido que não casaria a filha sem que ela o quisesse, qualquer que fosse o partido.
- o **Capitão Galdino de Moura** – cunhado do coletor Asclepiades, proprietário da fazenda da Varjota onde o promotor, aquando do acontimento de uma moléstia, vai recuperar-se. O tio de Florzinha, irmão de dona Claudina. Tinha muito bom humor. (p. 74) Casa os dois filhos em um único dia e não demonstrava preconceito de ordem econômica, como seu cunhado coletor.
- o **Casimiro** – oportunista funcionário público, sabedor das oscilações empregatícias em função do ocupante do poder, estava sempre atento às preferências do eleitorado ou simplesmente às novas conjunturas políticas locais, vez que seu emprego dependia desse apoio situacionista. Homem, portanto, pragmático, sem ideologia bem definida. Importava-lhe a conservação de seus interesses pessoais. A lealdade era de caráter provisório. Simboliza muito bem o comportamento de boa parte do eleitorado de então e dos correligionários, assim como a fragilidade das instituições públicas, as quais estavam à mercê dos interesses dos gestores.
- o **Chico Herculano** – “*era um rapaz de 28 anos, magreirão, robusto, requeimado de incessantes viagens que fazia pelo município.*”. Era tenente-coronel e foi responsável pela nomeação de Alípio como promotor. Cumulava a função de inspetor escolar, além de, antes, ser chefe do partido republicano na cidade. Tinha interesses escusos por Bilinha. Politicamente, foi batido pelos novos adeptos do partido republicano, que reconduziu ao poder seu adversário local, João Ferreira.
- o **Padre Balbino** – afigura-se como padre em sentido estrito, porque se ocupa de desimcumbir-se regularmente de suas atividades clericais. Aposta tudo em Alípio, ainda que os desejos deste último não coincidam com os seus, quer politicamente (Alípio devotava alguma admiração pelo poderoso local, João Ferreira e seus métodos truculentos e ilegais), quer socialmente, porque não lhe parecia desejável permanecer ali, como gostaria o tio.
- o **Benvinda** – vizinha de Bilinha, que gostava de dizer palavrões, conquanto não parecesse intolerável. (p. 51) Tem papel fundamental para a recuperação da imagem social de Bilinha ao impedir novas investidas de Alípio contra a professora.

- O **Maria Lina** – ex-prostituta, irmanada e vingada da filha após sua entrega a Alípio. Representa elementos naturalistas na obra, em razão da perpetuação congênita de uma vocação para a queda moral. Seu triunfo e vingança sucedem quando sua filha cede ao assédio do promotor.
- O **Florêncio Cavalcanti de Albuquerque** – negociante de animais, pernambucano, futuro esposo de Bilinha, com quem parte de Ipuçaba. Exercia a função de dentista nas horas vagas. Muito cavalheiro com mulheres, embora tenha sido traído. Correto em política. Inescrupuloso nos negócios. (p. 161). É outra personagem de cariz naturalista, em razão de o destino repetir-se de modo inexorável uma sina, ou maldição: a de procurar mulheres maculadas. A mulher o abandonou para entregar-se aos estudantes de uma república, onde vivia Alípio. A segunda mulher, Bilinha, já conhecera outro homem, em uma relação espúria, inconsequente, ainda que ele não o soubesse.

Tangenciais ou periféricos

- O **João Ferreira** – líder político local forjado pela proteção do seu antecessor, o “*abastado major José Herculano*” (p. 14). Enriqueceu de modo duvidoso, tendo implicado seu padrinho em uma falência considerada fraudulenta. Foi preso. Lá teria sofrido uma perda de escrúpulos tal que lhe permitiu, ao sair consorciar-se com um falsário de dinheiro. Desvencilhado do seu padrinho e acobertado por algum poderoso da capital, regressou a Ipuçaba como delegado de polícia e representante do Partido Conservador. Passou a ditar normas e a disputar o poder local com o major José Herculano. Contava com o apoio do clérigo heterodoxo, o padre Serrão. Com a proclamação da república, inicialmente pareceu fragilizado, mas soube recompor-se e retomar o poder municipal, depois da mudança na capital, com a nomeação de Lucena, ex-barão.
- O **Joca Neves** – o aracatiense trocista que pôs apelido em Alípio e Bilinha, além de ter previsto o desfecho do interesse de Alípio pelas duas moças e de Chico Herculano por Bilinha (p. 47).
- O **Pinheiro** – indivíduo que fazia as vezes de médico na cidade. (p. 118). foi o responsável pelo acompanhamento de Alípio e produziu a denúncia contra o jagunço Zé Pipoca, assim como teceu o libelo acusatório no seu julgamento, sem muito entusiasmo, por antever a derrota de sua tese.

- o **Mendonça** – o boticário da cidade, “o único homem a quem o João Ferreira ouvia e a quem confiava os seus segredos políticos.” (p. 120)
Apresentado como indivíduo sarcástico.

Quanto à complexidade

- o Os protagonistas podem ser configurados como personagens redondos porque não são portadores de características uniformes e constantes. Ao contrário, o que característico do realismo, apresentam momentos de nobreza e baixeza. Por exemplo, Alípio mostrava-se moralmente questionável ao admirar João Ferreira, por seus princípios voluntaristas e triunfalistas de base nietzscheana, mas foi capaz de silenciar o defloramento de Bilinha. Não se mostrou, portanto, de todo pernicioso e predador. Bilinha, por sua vez, era uma mulher empenhada em conservar-se casta e refinada intelectualmente, a despeito da origem humilde, mas cedeu ao assédio de Alípio. Além disso, depõe contra ela o tratamento impiedoso conferido à mãe, que foi prostituta.
- o Apresentação da maioria dos personagens masculinos da trama como figuras de proa para a condução das peripécias do romance.

Focalização

Traços fundamentais:

- a) Heterodiegética – o narrador não coincide com qualquer personagem.
- b) Interna – o narrador descreve e analisa o que se passa na interioridade das personagens.
- c) Onisciente – o narrador conhece a trama profunda e penetra o âmago das consciências.
- d) Fixa – todo o romance é regido por uma focalização onisciente.

Tempo

Tempo da diegese

O romance sucede em pouco mais de um ano. Não há uma menção explícita da data de início, nem de término, mas há indícios que nos permitem recuperar o intervalo de tempo em que transcorre a narrativa.

Tempo histórico

O romance está situado no período que vai do fim do segundo reinado e do início da república velha. A esse respeito, há menção explícita no romance, como na página. A chegada de Alípio se deu no ano de 1890, no dia 20 de fevereiro.

Espaço

Espaço da diegese

O romance se localiza em uma cidade do Ceará, mas não é uma cidade que tenha existido com a denominação apresentada na obra. Especula-se, no entanto, segundo, que a cidade fictícia de Ipuçaba tenha sido inspirada na antiga cidade do Soure, atual Caucaia, cidade da zona metropolitana da capital. Por outro lado, conforme o itinerário de viagem descrito na pág. 21, dificilmente a cidade ficaria no litoral, vez que, ao partir de Fortaleza, no dia 15, passaria por Quixadá, para, de lá, seguir para Ipuçaba. Ora, se a cidade ficasse na zona metropolitana ou no litoral, não precisaria ir a Quixadá, que fica no sertão central.

É importante destacar a significação de *Ipuçaba*, que quer dizer charco, brejo, lamaçal. Alípio traça uma descrição verdadeiramente compatível com o nome da cidade, por retratá-la como um lugar desprovido de higiene, em que transitam livremente animais.

Microespaços

- ❖ a casa de Asclepiades (almoço de recepção de Alípio);
- ❖ a residência de padre Balbino, onde vive Alípio;

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- ❖ a residência de Chico Herculano (jantar de recepção de Alípio, estreitamento das relações entre Bilinha e D. Helena, a esposa de Chico Herculano e o assédio deste último à enfermeira improvisada);
- ❖ a casa de Bilinha, onde eventos importantes da trama sucedem, como a conquista final de Bilinha;
- ❖ a fazenda do capitão, tio de Florzinha;
- ❖ a praça pública, onde se dá o entrevero entre o cabra de João Ferreira, o Zé Pipoca, que desafiou, ostensivamente, a determinação do delegado para que não se portassem armas. Em seguida, ocorre a tentativa do desarme, a luta, o ferimento de três policiais (um gravemente) o aprisionamento próximo da casa do mandante da arruaça;
- ❖ A Feira, onde circulam os rumores maledicentes contribuintes para a compreensão do psiquismo da população interiorana;
- ❖ Esses são os lugares mais recorrentes no decorrer da obra.

Gênero

O gênero romanesco conhece longa trajetória na produção literária ocidental. Vamos historiar mui sumariamente seu percurso constitutivo e sua afirmação como gênero moderno e contemporâneo, embora haja quem apregoe sua crise e admita que seu fim está próximo.

Segundo Cintra (s/d, 243), o romance é um dos gêneros literários cuja importância tem sido crescente nos últimos três séculos. O gênero tem sido palco de experimentos narratológicos, estilísticos, lingüísticos e temáticos. Assim:

De mera narrativa de entretenimento, sem grandes ambições, o romance volveu-se em estudo da alma humana e das relações sociais, em reflexão filosófica, em reportagem, em testemunho polêmico, etc. o romancista, de autor pouco considerado na república das letras, transformou-se num escritor prestigiado em extremo, dispondo de um público vastíssimo e exercendo uma poderosa influência nos seus leitores. (s/d, 243)

Caso dramático desse tipo de influência foi o *Die Leiden des Jungen Werden*, de Göthe, o qual teria levado muitos jovens ao suicídio por razões similares às da obra.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Em termos históricos, o romance é uma narrativa literária essencialmente moderna. Não há fundamento em identificar suas origens na literatura clássica.

O termo **romance**, originalmente, referia as línguas românicas oriundas do latim popular. A palavra contraiu um significado literário, para referir as versões em línguas vulgares de textos originais em latim, língua então comum à igreja e à ciência. A princípio, eram narrativas em verso, com enredos fabulosos e complexos.

Não se deve confundir a origem do romance com as canções de gesta, pois as últimas eram destinadas a narrar feitos heróicos e a serem lidas e recitadas, ao passo que o primeiro não tinha tais objetivos.

Segundo Cintra (s/d, p. 244), havia dois grandes tipos de romances: 1) o de cavalaria; 2) o sentimental. Este se ocupa muito das sutilezas do amor; aquele se entretém com as descrições de proezas de heróis e heroínas. Em regra, os ambientes situam-se entre os estratos burguês e aristocrático. (Lembre-se de que a burguesia ainda não havia conquistado o poder de que hoje usufrui).

Há fundamentalmente três tipos de romance, que não são excluídos: ação, cenário e personagem. A nosso ver, no caso do romance em apreço, trata-se de romance de **personagem**. O nome da obra está associado aos movimentos dos protagonistas no desfecho da trama, ou seja, Alípio e Bilinha, que não se fixam a Ipuçaba. Não é romance de construção, porque não há apresentação do desenvolvimento da personalidade de nenhuma personalidade no decurso de sua vida. Não é romance psicológico, porque os monólogos interiores se restringem aos dos protagonistas, mas sem se definirem como uma técnica recorrente.

Registro lingüístico e estilo

O estilo de Sales é, quanto ao narrador, para os padrões atuais, hiper culto, dada a abundância de termos de circuito mínimo. Para a época, no entanto, ele era um autor considerado realista, ou seja, avesso, em alguma medida a afetações lingüísticas de pendor lusitanista. A bem da verdade, ele próprio não deixou de praticar os, em tese, condenados usos de além mar. Do ponto de vista sintático, não se encontram transgressões dignas de nota, o que, mais uma vez, confirma o caráter culto do estilo de *Aves de Arribação*. Registre-se ainda o uso, ainda que ocasional, de expressões latinas e francesas.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nos diálogos, o narrador explora a variedade vernacular, apresentando expressões populares de uso corrente até hoje, como, por exemplo, suarabácti em “fulorar”, em lugar de florar.

Um estudo mais sistemático da riqueza variacionista da obra será levado a cabo oportunamente.

ENQUADRAMENTO PERIODOLÓGICO

O romance em apreço é considerado realista regionalista. Entretanto, é necessário admitir que há elementos de ordem naturalista, como o fatalismo que rege a existência de, pelo menos, dois personagens, Bili-nha e Florêncio, fadados que estão a cumprir uma sina, de tal sorte que sua vontade parece impotente para alterar o curso de suas vidas. O regionalismo não é carregado, em termos lingüísticos, uma vez que o discurso do narrador não acolhe formas usuais das variedades vernaculares. Não há, portanto, hermetismo lingüístico quanto ao emprego de construções regionais. O regionalismo é atestável por meio da composição do cenário e de uma inclinação por descrever os costumes e as paisagens (tipos humanos, flora e fauna) da terra cearense.

A propósito, a saliência dada a traços ecológicos e geográficos locais se coaduna integralmente com um dos mais célebres artigos, o XX, do programa de instalação da Padaria Espiritual, que consigna o repúdio ao eurocentrismo literário, *ipsis verbis*:

Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.

Convém mencionar o enquadramento equivocado do romance como pertencente ao romance das secas, já assinalado por Colares (prefácio da obra de Sales):

(...) que alguém, evidentemente por ignorância absoluta do texto, chegou a classificar no chamado romance das secas, é, dentro da quadratura ficcionística brasileira em geral e em especial da cearense, um romance que foge, em tudo ou quase tudo, à regra dominante em sua época, ou seja, a do predomínio ainda da escola naturalista, à qual não puderam fugir Rodolfo Teófilo, Pápi Júnior e Domingos Olimpio, em cujos romances mais representativos, respectivamente *A fome* e *O paroara*, *O Simas* e *Luzia-homem*, a par da nota regionalista no tocante ao documental, geralmente patético, e ao paisagístico, predominam as teses sociais implícitas e o exacerbado cientificismo, que chega ao cúmulo no linguajar... (p. XVIII)

Na esteira dos comentários de Colares (1979), *Aves de Arribação* é obra de contracorrente, “*antítese do clássico Ceará das secas*” (1979, p. XXII), vez que não aderiu às tintas carregadas da descrição do cenário e da miséria nordestinos. O autor não patologizou, o que era próprio do naturalismo euforicamente adepto do cientificismo então triunfante, a ambiência nem tampouco as personagens. Apresenta-nos um sertão tomado de verdor e fartura, em regra ignorado pelos autores nordestinos, ávidos de exhibir as mazelas político-sociais e culturais locais. Não o retrata, seguramente, de modo ilusoriamente idealizado, dado que analisa com criticidade a composição social, com base nas expectativas existenciais, nas ambições de suas personagens provincianas e praciaanas, ou seu dismantelo político e de organização urbanística. Não descurou, contudo, da apresentação de práticas consuetudinárias, ainda hoje vigentes, como a ânsia de ascensão por filiação a famílias importantes, à hipervalorização de cargos públicos, mormente os da área jurídica, à instabilidade empregatícia interiorana, muito ao sabor dos ventos políticos, à ausência de ideologia de correligionários de toda ordem na vida política local, importando apenas compor ou descompor os ocupantes do poder pelos sôfregos aspirantes, quase exclusivamente do poder, naturalmente para usufruto próprio, o assédio dos moços citadinos de incautas jovens de origem humilde, o desprezo dos mesmos pelos costumes e aspirações sertanejas, a exibição da promiscuidade entre o poder e os representantes do poder judiciário e eclesiástico, sempre articulando permanências ou perpetuações de interesses, a truculência e a ousadia premiadas dos mais afoitos no meio político, o gosto popular por políticos “fortes”.

Para Colares, a obra em tela é “romance regional-psicológico, imPLICando tal psicologismo preocupação realística, nos moldes em que se apresentou, a partir do autor de Quincas Borba, a escola que iria, com o tempo, desdobrar-se na ficção de Lima Barreto, e, na posterior, de Ciro dos Anjos.” (1979, p. XIX)

TEMÁTICAS CONSTANTES DA OBRA

As principais são: as disparidades de gênero (a liderança dos homens para a definição dos interesses dos casais, das famílias e da sociedade em geral); o preconceito econômico (a discriminação com base na renda, como no caso de Matias); de etnia (a oposição Bilinha, morena sensual, Florzinha, moça casadoira); a disputa pelo poder sem observância do interesse coletivo; o momento de transição da monarquia para a

República Velha; a construção de uma imagem macunaímica do povo brasileiro (indolente, acomodado, anti-higiênico); a descrição de um sertão em período chuvoso por oposição às imagens muito exploradas da seca; a migração para a Amazônia por causa do extrativismo da borracha; a vocação errante do cearense e seu conseqüente saudosismo; *inter alia*.

A obra é composta por dezoito capítulos. A motivação do título somente é aclarada ao cabo da obra. Isso porque, ao término, duas das protagonistas se assemelham a aves de arribação, que funciona como uma metáfora da impermanência, do instinto migratório. Instinto que se manifesta em Alípio e Belinha, conquanto por razões bem diversas. No primeiro por suas convicções predatórias e altiplanas, impossíveis de se situar em lugar como Ipuçaba; na última pelo comprometimento grave de sua reputação no lugarejo. Florzinha é contraponto dessas aves capazes de migrar para longe, uma vez que se quedou, dependente e só. O principal equívoco da crítica tem sido identificar um enlace entre Bilinha e Alípio após saírem de Ipuçaba, o que não é autorizado pelo texto, vez que a hipótese de que os referidos personagens se tenham aliado alhures é cogitada por Florzinha, não pelo narrador.

Comentários mais aprofundados sobre diversas questões constantes da obra devem ser ainda travados, de tal modo que a grandeza literária desse reservado escritor torne-se conhecida por um público mais amplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.

———. *A padaria espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

———. *Aspectos da Literatura Cearense*. Fortaleza: EUFC, 1982.

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. 1º t. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

BUENO, Silveira. *Vocabulário tupi-guarani português*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliavros, 1984.

CINTRA, Vítor Manoel. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1986.

COLARES, Otacílio. *Aves de arribação, romance diferente*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

SALES, Antônio. *Aves de arribação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.